



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 62 a 68

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

SUMMARIO: Philosophia wagneriana — Cartas a Lambertini — A «Sala Beethoven» — Carta aberta ao Ex.^{mo} Sr. Luiz de Freitas Branco — Noticiario — Necrologia

Philosophia wagneriana

Foi como é sabido entre os annos 1848-52 que Ricardo Wagner escreveu o mais importante da sua obra de philosopho. Durante esse periodo appareceram: *A arte e a revolução*, *A Obra de arte do futuro e Opera e drama*. Apontaremos em especial o terceiro d'estes volumes que resume a materia tratada nos precedentes, além de ser o trabalho theorico mais completo do grande musico. E' interessante este livro; encontramos n'elle a fé, o enthusiasmo de um propagandista, enthusiasmo que, embora, como adiante veremos, por vezes excessivo, merece desculpa pelas genias partituras de que foi a indispensavel alavanca.

Para uma investigação sobre o pensamento wagneriano, vamos analysar portanto *Oper und Drama*.

Logo de entrada topamos com a justa indignação de Wagner, contra a palavra e o genero opera. O erro d'esta fórmula d'arte, diz elle, está em que «o meio de expressão (a musica) torna-se o fim, e o fim (objecto) da expressão (o drama) torna-se o meio (1).» Não ha nada mais virtuoso, effectivamente, que o odio ao genero Donizetti ou Meyerbeer mas... estamos já a um seculo de distancia d'estas questões; os proprios Rossinis d'hoje, os Puccini e os

Giordano já dobraram o cabo da *Semiramis*.

O que hoje ainda nos pôde interessar, é a funcção que Wagner attribue ao drama e o que elle pede á musica.

Vimos já pela primeira citação que a musica segundo Wagner não pôde ser soberana, nem mesmo é igual á poesia, é menos ainda, é um meio e não um fim.

Este trecho define melhor a ideia: «A musica é mulher. A natureza da mulher é o amor; mas este amor é receptivo, abandonando-se sem reservas. A mulher recebe a individualidade no momento do abandono»... (1) Continua n'uma série de imagens poeticas e metaphoras em que diz que, sendo a musica o elemento masculino, creador, é a poesia.

Vejamos sobre o assumpto o que diz o apostolo Honston Chamberlain;

«Wagner fut toujours et avant tout, poète dramatique; le musicien n'existe que comme une des faces du poète. Comme Wagner lui-même l'a dit, le musicien est l'élément féminin, et, par sa nature même, cet élément, s'il n'est pas secondaire, est du moins subordonné, et il ne crée qu'autant qu'il a été fécondé par l'élément mâle, le poète. C'est donc le poète, qu'il faut avant tout arriver à reconnaître en Wagner. Ce sera le but précis de ce volume, et en même temps la limite où il se tiendra (2).»

O absurdo de collocar a poesia e a mu-

(1) «... ein mittes des Ausdrucks zum Zwecke, der Zweck des Ausdrucks zum mittel gemacht war». pag. 93.

(1) Pag. 102.

(2) Honston Stewart Chamberlain. *Le drame wagnérien*. (Introdução).

sica em compartimentos isolados com as taboletas «macho» e «femea» impõe-se logo. Masculino, gerador, soberano, é o elemento poetico que o verdadeiro artista traz dentro de si, e que indifferentemente exteriorisa no azulejo ou na pedra, na tela ou na palavra. E' inconcebivel a suggestão exercida pelos prophetas e como lhes acceitam irreflectidamente as doutrinas.

Mesmo acceitando esta theoria da palavra, da poesia serem o elemento principal, hão de nos conceder que essa poesia ao menos seja bella, seja grande. Com a genial fórmula litteraria do *Pelléas*, por exemplo, ainda isto se pôde admittir. Ora os poemas de Wagner (dizemos isto depois de aturado estudo do original) não são nada. Sabemos bem o espanto e quiçá a desconfiança que esta asserção vae provocar, mas entendemos ser nossa obrigação apontar um erro que o pouco conhecimento da lingua-allema deixou lavrar nos paizes debaixo da influencia franceza, erro que, desviando a attenção do lado verdadeiramente genial da sua obra de artista o prejudicou a elle mais que a ninguem. Os allemães, como é natural, por *Nationalgefühl* e por *Pietät*, não tocam no Deus; certos estamos, porém, que nenhum trocaria sinceramente quatro linhas de Richard Dehmel ou Stephan George por todo o poema do *Ri g*.

Confessemos por isso corajosamente que ficaríamos roubados se Wagner, effectivamente, nos dramas lyricos, afundasse a musica para o segundo plano com o fim de nos servir como prato de resistencia... a sua litteratura. Mas felizmente não o faz.

De resto, para ajudar á divulgação do engano, as traducções francezas melhoram frequentes vezes as producções litterarias do genio de Bayreuth gratificando-as, por exemplo, nos poemas, de rimas que elle não se abalancára a inventar.

A theoria wagneriana da musica subordinada é tão falsa como a doutrina de Hanslick de que a musica é um corpo só que não tem significação fóra de si; afinal não é nem a cousa subserviente de que fala Wagner nem a cousa branca que parece querer Hanslick; é muito mais simplesmente, como arte que é, um elemento, uma vibração para agir sobre a sensibilidade. Não podemos portanto senão repetir o que acima dissemos sobre a equivalencia das diversas fórmulas d'arte consideradas sob o seu verdadeiro aspecto commun de agitadoras d'alma, provocadoras de impressão. Este monismo artistico escapa a Wagner; para elle a poesia, a musica, as

artes plasticas como são ramos d'arte diferentes hão de ser fatalmente cousas diferentes. Não nos admiremos porque o grande musico escrevia em meados do seculo XIX, epocha em que (exceptuando uma ou outra figura isolada como Pöe ou Villièrs de l'Isle Adam), as ideias assumiam a fórmula d'aquillo que as exteriorisava. Por exemplo: a esculptura é feita com pedra, é uma arte máscula, rude; a musica é um concerto de sons, deve ser portanto a arte da indolencia, uma arte feminina; e assim successivamente.

Um dos aspectos mais curiosos da questão é que Wagner estava de tal maneira convencido da subserviencia do elemento musica, que considerava a sua opera apenas como o aperfeiçoamento, a fórmula definitiva da entidade — drama — em geral.

E' muito vulgar apresentar-se o wagnerismo como a equivalencia musical do wagnerismo. Esta noção cõe pela base depois do que ficou dito sobre a influencia das ideias correntes em meados do seculo XIX no espirito de Wagner; se elle ainda assim não tivesse nascido na patria dos *Subjectiv und Objectiv* e da interminavel dialectica; com o auxilio do systema do *leit-motiv* e concomitantes geometrias, talvez tivesse acabado por entaipar o drama musical num schema positivista. E' por isso que a personalidade artistica de Wagner não é nem poderia ser um *mallarmismo*, um *verlainismo*; pelo contrario, a sua *Naturalistik* é profunda, como aliás a do systema mais moderno de V. d'Indy.

O engano da theoria wagneriana sobre a musica foi presentido num artigo de J. d'Udine sobre o *Tristão*, de onde recortamos o seguinte trecho: «L'essence de Tristan est purement musicale; elle tient dans la symphonie effrénée de Wagner... L'orchestre de Tristan est toute la métaphysique de Tristan; il est tout l'amour Tristan-Yseult. C'est lui qui chante, sanglote, embaume, caresse et mord dans la partition empoisonnée et pour nous aussi c'est toujours aux sons des violons de l'inconnu, des flûtes de l'invisible et des cors de l'au-delà, que nous dansons la ronde folle des passions (1).»

Venham dizer-nos agora deante da opinião tão clara, tão palpavelmente justa de um dos primeiros criticos modernos, que a musica é secundaria, que Wagner era «avant tout (no sentido proprio, notem bem) POÈTE DRAMATIQUE!...».

Não esqueçamos no entretanto que os

(1) *Courrier musical*. 13 de feveiro de 1911.

exageros de doutrina se tornavam necessários para reagir de vez contra a opera italiana da epocha.

E' a conhecida lei social do pendulo.

Ha tambem outra explicação que muito timidamente arriscamos: não seria a litteratura o *violon d'Ingres* de Wagner?

LUIZ DE FREITAS BRANCO.

Cartas a Lambertini

II

Meu caro amigo:

Peza-me ter novamente que vir ocupar com a minha prosa hispano-arabe, e sem reflexos metallicos...! o espaço que talvez desejava livre para litteratura mais amena. — No entanto sinto-me obrigado a completar a informação que lhe dei dias passados sobre a nossa segunda *Beethoveniana*: — As cinco audições consagradas aos Trios terão logar na elegante sala do «Automovel-Club de Portugal», cedida gentilissimamente pela Direcção, por se tratar de concertos que não teem um fim puramente especulativo, mas sim o da divulgação da mais sublime das Artes, e do seu primeiro apostolo. Os meus colaboradores nesta santa cruzada, são Julio Cardona e João Passos, alem da minha filha Alice, que cantará, como já annunciei, as canções escosessas, (embora não *pela primeira vez em Lisboa*, segundo se me afirma e eu aqui rectifico.) — Na primeira sessão, Ruy Coelho, ao meu pedido, dissertará levemente sobre as «formas intimas da musica.»

Parece-me interessante fornecer a este novel... e discolo artista, uma ocasião de calçar a pacifica luva branca, e elle, já conciliador, aceitou a missão... com reconhecimento e... lindos modos.

Tambem quero aproveitar esta missiva para lhe dizer, meu bom amigo, que não compartilho a sua admiração pelo novo processo adoptado no Conservatorio para o concurso de admissão ao curso superior, processo que eu tambem animei, mas... por pura complacencia e... repontando.

A leitura á primeira vista, isolada e admittida como unica prova de organisação artistica e de capacidade pianistica, parece-me perfeitamente ociosa. A prova assim

proposta, é mais sportiva que musical; e só deveria considerar-se valida se constituisse o complemento a uma demonstração anterior de mais folego, e em que o concorrente offerecesse a execução completa d'una obra musical conforme ás intenções do compositor, no concernente ao andamento, dinamica, expressão justa do sentimento, etc. — Está fartamente provado que muitas pessoas mediocrementemente dotadas para a arte musical, pôdem lêr á prima vista com grande facilidade as paginas mais complicadas e que outras com autentico talento se encontram ás vezes embaraçadas perante a mais simples frase que não tenham previamente estudado e meditado e dissecado... Conta-se, nos centros artisticos de Berlim, (a capital da musica), que Clara Schumann, que, durante quarenta annos passou, na Europa culta, pela mulher que com mais elevação, intensidade e poesia encarava o piano, e cuja genial concepção d'este instrumento se impoz á veneração dos mais severos e auctorisados artistas e amadores, recusava-se a decifrar a mais candida pagina do «Jugend-Album» do seu marido, assim como tambem não arriscava execução publica de composição alguma sem lhe consagrar antes seis ou oito mezes de concentração, meditação e recolhimento...

Por outra parte, a leitura d'uma obra já impressa e publicada arrisca a possibilidade de offerecer ao concorrente apenas a occasião de reatar conhecimento com uma relação... já antiga, e eu proprio posso provar que duas ou tres discipulas particulares minhas que tomaram parte no concurso d'este anno, tinham já lido e relido as quarenta e tantas «romanzas sem palavras» de Mendelssohn, os vintequatro preludios de Chopin, etc., etc. e tal. — Um ecco fiel do Conservatorio assegurou-me dias passados que «nunca entrara na escola tanto *mono* (sic) como este anno...»

Tambem não o quero abandonar sem dar uma boa noticia aos seus leitores: — Madame Kendall, a deliciosa cantora (cuja voz maravilhosa já encantou a Lisboa diletante), acha-se novamente entre nós, e... talvez até ao mez de abril! — Chega de Londres. Nem a nefanda guerra; nem a inquietação dos Zeppelins; nem as complicações da vida actual obstaram a que na artistica e, como nenhuma outra, hospitaleira capital ingleza, fosse solicitada para dar um «Recital» de canto que realisou, ha poucos dias, na «Aeolian-Hall» com exito enorme

e optimos artigos nos principaes jornaes. No seu programa figuram: Pergolese, Massenet, Tschai kowsky, Grieg, Debussy, Braga, Charpentier, Saint-Saëns e Puccini.—Foi um consolo o outro dia, a sua presença na nossa casa ..! A sua apparição deu-nos a sensação d'uma mensagem de paz e de alegria... e é que Madame Kendall traz com ella propria, e deixa no ar que respira, fluidos e reflexos de Arte e de Belleza a que não podemos, nós os frageis, permanecer insensíveis ..

3 de Novembro, 1915.

ALEXANDRE REY COLAÇO.

A «Sala Beethoven»

Para a construcção d'esta nova sala de concertos, cuja iniciativa se deve ao incansavel propagandista e notavel professor Alexandre Rey Colaço, chamamos muito particularmente a attenção dos nossos leitores. E' de crêr que nenhum recuse o mais decidido apoio moral a uma ideia tão bella e cuja realisação constitue uma das ardentés e antigas aspirações do nosso pequeno mundo musical. Mas é preciso mais. Importa que alguns se decidam a proteger materialmente o empreendimento, concorrendo com quotas pelo modo como vem expresso em uma circular que Rey Colaço acaba de fazer distribuir a todos os amadores de musica. Para completo esclarecimento do assumpto, transcrevemos os proprios dizeres da circular que define claramente o modo pratico de realisar o desejado intento.

«Ha muito tempo que se faz sentir em Lisboa a falta d'uma sala para concertos intimos.—Esta lacuna faz nascer em mim a ideia de promover a construcção da SALA BEETHOVEN.

Apezar das difficuldades momentaneas que traz a tremenda guerra actual e a crise que ella determinou em toda a parte, não me parece difficil reunir em Lisboa umas 250 adhesões de «amigos da musica» para chegarmos a edificar uma sala com todos os confortos e melhoramentos modernos e que, pela indole dos concertos, conferencias e representações intimas que n'ella se pudessem realisar, constituiria um beneficio para a nossa cultura em geral.

Cada socio entraria com a quota de

50\$000 reis, dos quaes receberia juro logo que a sala pudesse funcionar, e que ficariam garantidos.»

Acompanha a circular o desenho do projecto (fachada principal), devido ao illustre architecto, sr. Raul Lino, que, ao que nos consta, se prestou generosamente a presidir a todos os trabalhos da construcção.

CARTA ABERTA

Ao Ex.^{mo} Sr. Luiz de Freitas Branco

Meu caro amigo:

Li nas columnas da *Arte Musical*, um artigo sobre Déodat de Séverac, assignado com umas iniciaes, que eu adivinhei logo que pertenciam ao meu presado amigo. Em o nosso paiz, todos somos conhecidos; a nossa capital não passa de uma aldeia, e o nosso meio musical é tão restricto, que basta apperecer um artigo, seja elle o mais simples, para pôrmos logo o dedo na pêssoa que o escreveu. O meu amigo, aliaz um intelligente compositor, e um abalitado critico, muito mais novo do que eu, ainda possui a *ingenua* crença, chame-mos-lhe assim, de querer mostrar ao nosso publico musical, que executem obras de *modernos compositores* dignos de serem ouvidos entre nós. O seu artigo sobre o novel compositor Séverac vem demonstrar ainda, que o meu illustre amigo permanece a trilhar a senda, aliaz louvavel, de revelar os nomes dos grandes cultores da musica moderna; mas desde já o previno que é tempo quasi perdido. Nós, que vivemos *absorvidos* pelas belezas de que a Arte nos rodeia, somos tidos por uns *refinados maduros*; e não nos devemos admirar de tal alcunha, pois atravessamos uma epoca em que a *politica*, a *má lingua* e a *intriga*, são o alimento espiritual do geral dos portugueses! Como poderão ouvir com interesse as nossas ideias sobre arte, se as suas intelligencias apenas pensam no Brito Camacho e na ida á Suissa do Affonso Costa? Por isso louvo, com toda a força da minha alma, o interesse que o meu amigo toma em querer educar o nosso publico musical. Compreendendo-o perfeitamente, pois, modestia á parte, tambem eu tenho trabalhado em egual sentido. Por isso, poderá calcular o prazer que senti quando li o seu pe-

queno artigo, já pelo assumpto em si, já porque horas antes tinha executado duas composições de Severac qual d'ellas a mais bella! Ah! meu caro, como eu desejaria fazer comprehender ao geral, quão deliciosos são os momentos que passamos, quando perante nós analysamos as obras dos mestres! São horas de felicidade que eu tenho pena que elles não possam gozar.

Mas... não quero roubar espaço n'estas divagações que occupariam todas as columnas d'esta revista, desejando antes fallar-lhe em uma obra de Severac, muito pouco conhecida, e que me encantou de véras; refiro-me a uns estudos pittorescos com o titulo generico de: *Cerdaña*. São cinco numeros assim chamados: *em tartana, as festas, tocadores e respigadoras, os almocreves perante o Christo de Llivia, a volta dos almocreves*. Atravez as paginas d'esta composição, vemos o colorido de um compositor com raros dotes impressionistas. O primeiro numero, como disse, chama-se em *tartana, (voiture catalane à deux roues attelée d'une mule)* como diz o auctor em uma pequena nota. E' a chegada do compositor a *Cerdaña*. Em *molto cantabile*, uma pequena introdução apresenta-nos um canto cheio de melodia com todo o sabor local, entrando-se no *molto allegro*. E' n'esta parte que está toda a força descriptiva do trecho. Temos a illusão que caminhamos pela estrada banhada de sol, e a musica é tão cheia de realismo, que nos obriga a termos a illusão que ao nosso lado vemos aldeias risnhas, valles verdejantes, fontes gementes. Em um *lento*, «*esperanza...*» como diz Severac, a mão direita em *acordes*, inicia um canto que é como um oasis melodico, à monotonia da viagem. O segundo numero, chama-se: *as festas* (recordação de Puigcerda). São paginas de uma alegre musica com todo o caracter regional. São dedicadas a Laura Albeniz. Ha uma especie de segunda parte do trecho a que o auctor poz o nome de *charmante rencontre*, em um andamento um pouco mais vagaroso, até cahirmos no andamento *vivo* muito articulado, onde lemos sobre a pauta as seguintes interessantes palavras: *où l'on trouve le cher Albeniz*. O que nos faz supôr que foi passeio que os dois artistas deram por aquella região.

Tocadores e espigadoras (recordação de uma romaria em Fontromeu) deu ensejo a Severac compor um terceiro numero muito caracteristico. Inspirando-se em um thema de uma *Serdaña*, dança popular da Cerpaña e da Catalunha, desenvolveu-o sob

uma fôrma verdadeiramente encantadora. Porém o numero da *suite* que possui para mim maior força de belleza esthetica é o quarto, *os almocreves perante o Christo de Llivia*. A musica traduz uns verdadeiros lamentos, ouvindo-se ao longe uns sinos em acordes na mão direita, nos quaes o auctor colocou as palavras «*O Cruz Ave!*» Não são paginas de facil interpretação para serem comprehendidas, necessario se torna que o executante possua esse mysterio, esse don sagrado dos grandes artistas. O quinto trecho é a *volta dos almocreves*, é talvez para mim pouco inspirado, pois o canto é pouco espontaneo, mas vê-se que Severac quiz colorir em desenhos rhythmicos todo o assumpto.

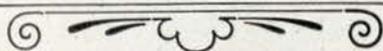
Aqui está, meu caro amigo, a série de impressões que esta obra de Severac me deixou. Ouvi-la-hemos em qualquer dos nossos concertos? Ignoro, mas seria imensamente interessante que o nosso publico tomasse conhecimento d'ella.

E já que lhe fallo de musica moderna, quasi desconhecida entre nós, aponto-lhe, caso as não conheça já, umas obras bastante curiosas que o correio me trouxe ha pouco tempo: *Les minutes Lointaines* de Chansarel, em seis numeros: *La barque glisse, fantoches! tendresses! l'heure pensive, les Belles tournoient, les yeux se ferment*. Um *peças hespanholas* de Manuel de Falla, na qual a *Montañesa* é muito curiosa em colorido local e finalmente umas sete *Peças infantis* de Paul Le Flem. Como sabe Le Flem é o auctor do *Crépuscule d'Armor*, côro para vozes de mulheres que, em 1908, alcançou um grande successo; pois estas *Peças infantis* são um verdadeiro mimo de musica delicada. São sete: *Prière, bastions de sables, après gronderie, chatteries, la vieille mendiante, la chapelle e bigaudens*. Não são peças de technica difficil, mas sim de fina interpretação. Muito tinha que lhe dizer sobre programmas suggestivos de musica moderna, mas decerto o meu prezado amigo já lhe vae faltando a paciencia para me aturar, por isso ficará para outra vez, quando tiver descanso e paciencia.

Seu amigo certo e admirador

Lisboa, 9-11-915.

Alfredo Pinto (Sacavem).





Na ultima temporada do *Casino* de San Sebastián, houve occasião de ouvir, e o que é mais, de applaudir com muito entusiasmo uma composição portugueza, o 2.º numero da suite lyrica *Marian* do nosso querido amigo e illustre compositor Oscar da Silva.

Por um feliz acaso cae-nos agora sob a vista um numero de *La Crónica*, jornal que se publica n'aquella linda estancia balnear, e que se expressa nos seguintes termos a respeito do nosso laureado artista:

GRAN CASINO. ORQUESTA DEL MAESTRO ARBÓS. — «En el concierto por la noche, la orquesta dió a conocer una *Reverie* del reputado compositor lusitano Oscar da Silva.

Nos felicitamos de haber oido una obra que revela en su autor profundos conocimientos en el arte de la composición, inspiración lozana y estilo elevado.

Mucho nos complaceria en tener ocasión de aplaudir en una obra sinfónica a tan distinguido compositor.

Dado el gran éxito de la deliciosa *Reverie*, pues fué muy aplaudida, seguramente quedará en el repertorio de la brillante orquesta.

Nuestra enhorabuena entusiasta al notable compositor Oscar da Silva.» — *Puntillo*.

D'aqui enviamos um cordeal abraço ao talentoso compositor por mais este seu triumpho.

Tem dado concertos no elegante salão do Jardim de Passos Manuel (Porto), o distincto concertista de clarinete, D. José de La Vega, ex-chefe da banda hespanhola de caçadores, 19.

E' um artista de alto merecimento, que teve a infelicidade de cegar apoz uma grave enfermidade, e conta hoje, como unico recurso, com o producto dos seus concertos.

D. José de La Vega foi acompanhado, nas audições do Passos Manuel, pela nossa banda de infantaria, 6, e teve, ao que nos consta, um exito muito lisongeiro.

Por termos de dar bastante cedo o original à imprensa, não nos foi possível falar no numero ultimo do concerto effectuado, a 28, pela prestimosa *Academia de Amadores de Musica*, segundo d'esta epoca.

E o concerto, cujo programma foi integralmente executado tal como se annunciara, bem merecia que lhe consagrassem algumas linhas.

Abriu essa festa por uma eruditissima palestra do sr. dr. Alfredo Ansir, que tomou por thema: — «Apreciação theorica e synthetica dos sons e instrumentos musicas e suas mais sublimes manifestações.»

Na execução musical distinguiram-se os seguintes alumnos: — Humberto Fontoura Madureira (violino), D. Sarah da Costa Duarte (canto), D. Maria Henriqueta Gomes da Costa (harpa) e D. Maria de Figueiredo (piano), sobretudo esta ultima menina que é uma das optimas discipulas de Marcos Garin.

Tambem tiveram muitos applausos o sr. J. Lazarus em um solo de flauta e as meninas Emma Torres Gomes e Aline Benamor Lopes, que disseram alguns versos com muita propriedade e expressão.

Felicitamos a Academia por mais este concerto, que foi excellente prova de aproveitamento dos seus alumnos.

Foi nomeado professor de canto no Conservatorio (empostação de voz) o estimado e sympathico leccionista Arthur Trindade. Felicitamol-o pela distincção recebida.

De um dos nossos amaveis colaboradores recebemos a seguinte noticia ácerca do concerto das sr.^{as} D. Hermelinda Prado e D. Beatriz Correia, a que muito ligeiramente alludimos no numero anterior.!

Não chegou a noticia a tempo de ser publicada n'esse numero, mas nem por isso queremos deixar de render ás illustres artistas a homenagem que lhes é devida, publicando os dizeres do nosso correspondente.

«Em 23 de outubro realisou-se em Cascaes, no Sporting Club, um concerto promovido por M.^{me} Stegner Prado, professora de canto de grande merito, e M.^{elle} Beatriz Correia que fizera o seu curso de piano em Leipzig. O programma, bastante variado, foi rigorosamente cumprido, e sobressahiu

n'elle um trecho da opera *Parsifal*, ainda não ouvido entre nós, que M.^{me} Stegner cantou vencendo todas as difficuldades da sua interpretação, intensidade dramatica, e dicção distincta. A sua voz, bastante extensa e volumosa, ainda se fez ouvir na *Mignon*, *Samsão e Dalila* e *Carmen* (habanera) que bisou entre entusiasticos applausos, assim como applaudida foi em todos os trechos. M.^{elle} Beatriz Correia foi muito correcta, e escolheu um repertorio variado e de bom effeito. Foi justamente applaudida. O acompanhador sr. Rubio Milan é um alumno de Vianna da Motta com quem estudou em Berlim. Tambem mereceu applausos. Sentimos não ter podido assistir a tão bello concerto, agradecendo porém o amavel convite. Na assistencia que era numerosa, havia tudo que ha de distincto em Cascaes e Estoris.»

* * *

O grupo musical do Salão da Trindade foi ha pouco reconstituído, fazendo agora parte d'elle os srs. Flaviano Rodrigues (*violino*), Moraes Palmeiro (*violoncello*), e Raul Almada (*piano*).

* * *

Encontra-se de novo entre nós e deu-nos o prazer da sua visita o notavel violinista D. Francisco Benetó, que já recommçou em Lisboa a sua leccionação particular.

* * *

Para o magnifico espectáculo symphonico e lyrico que se realisou a 7 no salão de festas da Amadora, recebemos um convite que em extremo nos penhorou.

Não tendo podido assistir a esse bello concerto por imprescindiveis affazeres, não resistimos á satisfação de transcrever o programma annuciado, que era realmente encantador: — Abertura do *Barbeiro*, por uma grande orchestra dirigida por Accacio Santos; romanza do *Elixir*, pelo tenor Guilherme Bizarro; dois numeros de Grieg e o preludio do *Déluge*, pela orchestra, sendo o sólo d'esta ultima obra desempenhado pela violinista D. Emilia Lelo Perdigão; romanza da *Aida*, por D. Cesarina Lyra; *Marcha nupcial*, de Mendelssohn, pela orchestra.

A segunda parte da festa, com certeza a mais brilhante, foi constituída pela representação integral do 3.^o acto da *Tosca*, sendo executantes as sr.^{as} D. Cesarina Lyra e D. Julia Teixeira, e os srs. Guilher-

me Bizarro, Francisco Moreira, Jorge Ferrão e Francisco Leal.

Merece todo o louvor a direcção dos *Recreios Sportivos da Amadora*, pela feição artistica que está imprimindo ás suas festas.

* * *

O barytono Alfredo de Mascarenhas e a pianista D. Judith Lima deram um concerto no Porto (theatro Sá da Bandeira) em 7 do corrente mez.

Tiveram por collaboradores a sr.^a D. Bertha Velasco e barytono Carlos Osorio, cantando-se importantes fragmentos das operas *Traviata*, *Rigoletto*, *Carmen*, *D. Carlos*, etc.

* * *

A primeira sessão beethoveniana, promovida por Alexandre Rey Colaço tem lugar a 18 (nove e meia da noite) e é composta dos seguintes numeros: — 1) «As formas intimas da musica» palavras pelo sr. Ruy Coelho; 2) *Trio em mi bemol*, op. 1, n.^o 1; 3) *Trio em sol*, op. 1, n.^o 2.

No 2.^o concerto, que ha-de effectuar-se a 25, serão executados os *Trios em dó menor*, op. 1, n.^o 3 e em *si bemol*, op. 2.

Os *partenaires* de Rey Colaço nos trios são, como se disse, os srs. Julio Cardona e João Passos.

* * *

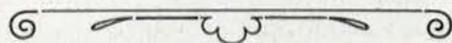
Para o *Orpheon* do Porto, concertos de dezembro proximo, está contractado o jovem e já notavel pianista hespanhol D. Tomás Terán, antigo discipulo do fallecido Malats.

Depois de uma longa estada na Figueira da Foz, onde obteve ruidosos triumphos, Tomás Terán realisou magnificas audições em Madrid e Barcelona, onde foi definitivamente consagrado como executante excepcional e interprete distinctissimo das grandes obras pianisticas.

Conta-se que, depois dos seus concertos do Porto, virá fazer-se ouvir na capital.

* * *

Devem começar na proxima quinzena, provavelmente a 21, os concertos orchestraes, respectivamente dirigidos por David de Sousa e D. Pedro Blanch.





Mais um dos amadores da velha guarda, que a morte acaba de ceifar despidosamente.

Augusto Ladislau Gerschey, velho e convicto amator de musica, excellente executante no violino, grande entusiasta por cousas de *lutherie*, dedicado cultor da mu-



Augusto Ladislau Gerschey

sica de camara, deixava de existir na sua residencia do Paço do Lumiar em 31 do mez passado, victimado por uma cruel enfermidade que ha tempos o affligia.

Não nos é facil reconstituir a vida musical d'este notavel extincto. Tivemos comtudo muitas occasiões de aquilatar o seu grande merecimento, quer

como executante, quer como perito em assumptos de violaria.

Não era Augusto Gerschey, no violino, um solista fogoso e estonteador, de pose olympica e cabelleira ao vento. Não era esse o seu feitio. Modesto em extremo, proba a mais não ser em questões d'arte, educado na mais pura escola classica, regeitando com horror tudo o que tivesse laivos de cabotinismo, fez da musica classica e intima um acendrado culto. Assim, era um quartetista de eleição, que conhecia a fundo todo o repertorio de camara, especialmente o classico e dispunha, como executante, de uma technica perfeita e de qualidades de interpretação que só ás vezes peccavam por excesso de sobriedade.

No seu tempo aureo era invocado o seu concurso em todos os bons grupos de amadores e mesmo de profissionaes. A *Academia de Amadores* contou-o no numero dos seus fundadores. A *Sociedade de Musica de Camara* teve-o como violino principal pouco depois da sua fundação. Mas onde mais se comprazia o seu espirito era nas reuniões absolutamente intimas, como as que se faziam no Paço no tempo do rei D. Luiz, ou em casa dos irmãos Wagner,

ou ainda na hospitaleira residencia do dr. Korth, que assiduamente frequentou durante muitos annos, tomando parte constante nos quartetos que esse outro valioso amador tem organizado com tão louvavel persistencia em sua casa.

Já dissemos que Augusto Gerschey se podia considerar um sabedôr em violaria. Era effectivamente, n'esse capitulo, uma das poucas auctoridades do nosso paiz. Raros conheciam como elle a genealogia dos Amatis, dos Guarnerius e de *tutti quanti*, descobrindo em todos os instrumentos que lhe apresentavam as caracteristicas da sua filiação e proveniencia. Com a morte de Augusto Gerschey, ficam apenas dois ou três artistas que tenham seriamente aprofundado essa difficil especialidade.

Como se vê, não era uma individualidade vulgar a d'este amador e bem merecia que, à sua vida e trabalhos artisticos, se consagrasse mais amplo relato.

Augusto Gerschey, qpe deixa viuva e filhos, a quem apresentamos o nosso sentido pezame, falleceu com 63 annos de idade.

*

A morte, tão dolorosamente sentida no mundo das lettras, de José de Sampaio (Bruno) tambem deve ser mencionada n'esta revista. E fazemol-o com magua profunda porque eramos dos mais estrenuos admiradores do erudito publicista que acaba de fallecer.

No dominio da musica, José de Sampaio teve occasião de salientar-se uma vez, imaginando um systema musical, a que chamou *escala tessaradecatónica*, e a que o nosso jornal se referiu largamente ha uns quatro annos, combatendo-o por signal.

Possuido sinceramente das excellencias do seu systema, José de Sampaio mandou fazer em Paris dois harmoniums baseados na sua escola, de cuja viabilidade pratica suppomos que elle proprio descreu por fim.

José de Sampaio, mais conhecido pelo pseudonymo de *Bruno*, era bibliothecario e conservador do museu da Bibliotheca do Porto.

Expediente

Aos nossos assignantes em atrazo, pedimos o favôr de mandar satisfazer a importancia de suas assignaturas até ao fim do anno corrente.